

Caminhos escritos: textos autobiográficos de pessoas trans em contexto terapêutico e literário

Alexandre de La Palma Leite Poddis

1. A pesquisa

A escrita autobiográfica carrega um potencial transformador: ao narrar-se, o sujeito pode reorganizar experiências, revisitar memórias e produzir sentidos para sua existência. Este artigo propõe uma reflexão sobre a escrita de si realizada por pessoas trans em contexto terapêutico e literário, a partir de experiências vividas em um ateliê de escrita criativa promovido por uma instituição de acolhimento à população trans em situação de vulnerabilidade social. A pesquisa foi desenvolvida como monografia de graduação em Letras, orientada pela Prof^a Dr^a Gisela Anauate Bergonzoni, da Universidade Estadual de Campinas.

A proposta emerge da articulação entre os Estudos Literários e práticas de cuidado, entendendo a escrita como um território de subjetivação e resistência. Ao contrário de uma abordagem diagnóstica ou estritamente clínica, busca-se aqui ler os textos produzidos por essas pessoas

- 1 Neste artigo, o termo *gênero* é empregado em dois sentidos distintos, conforme o contexto: (a) no campo dos estudos literários, *gênero textual* refere-se à classificação de textos segundo características formais e funcionais (por exemplo, diário, autobiografia, carta); (b) nos estudos de gênero e teoria *queer*, *gênero* diz respeito a construções sociais e culturais de identidades, papéis e expressões relacionadas ao feminino, masculino e outras possibilidades, não se confundindo com sexo, que se refere a características biológicas e anatômicas atribuídas ao nascimento. Quando não acompanhado do adjetivo “textual”, o termo é usado aqui no segundo sentido.

como formas de autobiografia, abertas à complexidade do vivido e à performatividade das identidades. Ainda que muitas dessas escritas dialoguem com características do gênero textual¹ diário — fragmentação, data-bilidade, intimidade —, optamos por não as fixar nessa categoria, mas compreendê-las dentro do espaço autobiográfico ampliado, tal como sugerido por autores como Philippe Lejeune (2014), Leonor Arfuch (2010) e Roland Barthes (1979).

A pesquisa se deu em dois movimentos complementares. No primeiro, realizamos uma revisão teórica sobre os gêneros autobiográficos e a escrita de pessoas trans, com base na teoria *queer* e nos estudos sobre escrita expressiva e criativa. No segundo, organizamos oficinas de escrita na cidade de Campinas, entre os meses de abril e agosto de 2024, com participantes adultos trans. As oficinas foram mediadas por um psicólogo, nas quais foram produzidos os textos analisados neste artigo. As produções foram lidas sob uma perspectiva literária, que considera seus aspectos formais, subjetivos e sociais.

Ao reconhecer essas narrativas como formas legítimas de construção de si — e não como documentos de sofrimento ou patologia —, o presente trabalho afirma a escrita como ferramenta de escuta e visibilidade, capaz de elaborar uma vida vivível, especialmente em contextos de exclusão. O artigo busca compreender como essas vozes, historicamente silenciadas, encontram na escrita um meio de existir em palavras — e de reivindicar o direito de narrar-se.

2. Escrita de si

A escrita autobiográfica ultrapassa o registro íntimo, tornando-se um gesto político, estético e subjetivo. A tradição ocidental da autobiografia tem em Philippe Lejeune (2014) uma de suas principais referências. Ao

definir esse gênero textual como “uma narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz da sua própria existência, com foco na sua história individual e, em particular, na história de sua personalidade” (p. 16), Lejeune estabelece os pilares de um pacto de leitura em que o autor, o narrador e o personagem compartilham a mesma identidade. Esse “pacto autobiográfico” cria uma expectativa de veracidade, sustentada pelo nome próprio e pela promessa de autenticidade.

Contudo, esse modelo de autobiografia baseada na transparência do sujeito e na linearidade da narrativa tem sido tensionado por teorias contemporâneas. Leonor Arfuch (2010), ao conceber o “espaço biográfico”, desloca o foco da veracidade para a performatividade e a construção discursiva da subjetividade. Para ela, o valor biográfico reside menos na fidelidade aos fatos e mais na forma como o sujeito se conta, por meio de estratégias de autorrepresentação, fabulação e fragmentação. Arfuch propõe a autobiografia como um espaço polifônico e relacional, em que diferentes vozes, registros e memórias dialogam na composição do eu. Tal perspectiva permite incluir, no campo da autobiografia, produções marginais, precárias, híbridas — como os textos analisados neste estudo — que não seguem necessariamente os modelos clássicos, mas que constroem subjetividades através da linguagem.

Essa abordagem se aproxima também da crítica de Roland Barthes (1979), que, em textos como *Deliberação*, questiona a pretensa sinceridade da escrita íntima. Barthes reconhece o prazer da escrita diarística, mas também denuncia o jogo de pose do sujeito que, mesmo ao tentar ser espontâneo, encena uma imagem de si. Para ele, todo texto de si é, de algum modo, uma performance. Assim, o “eu” narrado nunca coincide plenamente com o “eu” que escreve, mas é sempre uma figura construída pela linguagem — uma máscara que revela tanto quanto oculta.

É nesse ponto que a teoria *queer* oferece contribuições fundamentais. Judith Butler (2003) propõe que o gênero não é uma essência, mas um ato performativo reiterado, que se atualiza por meio de discursos, gestos e práticas. Ao aplicar esse conceito à escrita autobiográfica, especialmente de pessoas trans, podemos compreender o texto como um espaço performativo onde o sujeito experimenta e reivindica modos de ser. Cada narrativa torna-se uma encenação — não no sentido de falsidade, mas como espaço de agência e invenção de si. Butler (2016) enfatiza que a performatividade do gênero é uma prática social que institui a identi-

dade que ela expressa — e, no caso das autobiografias trans, essa prática se inscreve na palavra, no ritmo do texto, nas escolhas narrativas.

Paul B. Preciado (2008), em *Testo Junkie*, reforça essa dimensão ao tratar o corpo como um texto biopolítico. Para ele, o sistema sexo/gênero é uma “tecnologia de inscrição” que naturaliza normas e apaga dissidências. Ao narrar sua experiência com o uso de testosterona, Preciado propõe uma autoteoria, uma escrita que é ao mesmo tempo relato de si e intervenção crítica sobre o mundo. Sua escrita inscreve o corpo trans como espaço de resistência e de reinvenção, em sintonia com as propostas deste artigo: pensar a escrita de si como modo de reinscrever identidades apagadas.

Por fim, é preciso destacar que a escrita de si, nesse contexto, não é apenas uma ferramenta literária, mas também um dispositivo terapêutico. A escrita expressiva, estudada por James Pennebaker (2011), mostra que o ato de escrever sobre experiências emocionais pode promover a catarse e o bem-estar psíquico, reduzir sintomas de ansiedade e favorecer a elaboração de traumas. No entanto, como destacam Costa e Abreu (2018), é preciso ir além da mera descarga emocional: a potência terapêutica da escrita está na possibilidade de reorganizar a memória, atribuir sentido à experiência e produzir linguagem para aquilo que antes era inominável.

É nesse cruzamento entre teoria literária, teoria *queer* e práticas de cuidado que situamos esta pesquisa. Os textos analisados não são lidos aqui como relatos confessionais nem como documentos clínicos, mas como práticas de linguagem que colocam em movimento um sujeito fragmentado, múltiplo e em constante reinvenção. É na fissura entre o vivido e o narrado que emerge uma escrita potente — capaz de resistir, de existir e de imaginar outros modos de vida.

No caso das escritas de autoria trans, observa-se um campo autobiográfico ainda em consolidação, mas de potência literária e política evidente. Como discute Leocádia Chaves (2021), mesmo quando marcados por precariedade editorial ou inserção periférica no campo literário, esses textos expressam com força o entrelaçamento entre dor e afirmação, denúncia e invenção. São narrativas que desafiam o pacto autobiográfico tradicional e instauram outras formas de enunciação de si, muitas vezes descontínuas, híbridas, coletivas. Como aponta Arfuch (2010), o valor biográfico não reside apenas na dimensão individual da experiência,

mas na sua capacidade de se conectar com uma memória social e compartilhada. Além dessas características, temas como o rompimento familiar, a solidão, o corpo como território conflituoso, a prostituição, a violência institucional e a nomeação de si como ato político são recorrentes nessas narrativas.

Mais do que um estilo unificado, há nesses textos uma ética da exposição e da insurgência: escrever torna-se, para muitos sujeitos trans, não apenas uma forma de organizar o vivido, mas de inscrevê-lo como vida legítima. É tanto um gesto de afirmação quanto um movimento que interroga e reconfigura o próprio campo da literatura.

3. Metodologia

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa de cunho teórico-analítico, situada na interface entre os estudos literários, a escrita criativa e as práticas terapêuticas. O foco recai sobre a produção textual de pessoas trans adultas em contexto de psicoterapia coletiva, com o objetivo de compreender de que modo a escrita autobiográfica, mediada por um ambiente de escuta e acolhimento, pode atuar como espaço de subjetivação, resistência e elaboração simbólica das experiências.

O corpus da pesquisa é composto por textos produzidos em um ateliê de escrita criativa realizado semanalmente em uma instituição da cidade de Campinas (SP), voltada ao acolhimento de pessoas trans em situação de vulnerabilidade social. A atividade integrou um processo terapêutico coletivo conduzido pela psicóloga trans Luccie Fênix Libértula², com participação voluntária e consentida. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unicamp (CAAE: 77953824.3.0000.8142) e seguiu todos os protocolos de confidencialidade, respeito e proteção aos sujeitos participantes.

2 Luccie Fênix Libértula é psicóloga trans, arteterapeuta, analista junguiana e supervisora técnica de arteterapia no Ambulatório de Gênero e Sexualidades (AmbGen/ HC/ Unicamp) onde trabalha com acompanhamento de adolescentes trans em psicoterapia coletiva.

O ateliê foi estruturado em nove encontros com duração aproximada de uma hora cada, inspirados no modelo de escrita expressiva proposto por Pennebaker (2011, 2012). A escrita criativa foi estimulada como forma de expressão pessoal, a partir de temas como identidade, memória, corpo, infância, afetos, violências e sonhos. A participação foi facultativa e sem exigência formal quanto ao gênero textual.

Cada sessão incluiu rodas de conversa e atividades de arteterapia conduzidas por Luccie Fênix Libértula, com o objetivo de facilitar a expressão simbólica das vivências, promover concentração e criar um estado mental propício à escrita reflexiva. As práticas manuais funcionaram como formas de meditação ativa, servindo de âncora emocional e cognitiva para a produção textual. Essas atividades contribuíram para uma escuta ampliada, permitindo que aspectos subjetivos e identitários dos participantes emergissem tanto nos textos quanto nas falas compartilhadas oralmente.

Os textos eram redigidos em folhas soltas, recolhidas ao final de cada encontro, digitalizadas e devolvidas na sessão seguinte. Cada participante recebeu uma pasta para organizar suas produções ao longo das semanas, compondo uma sequência de textos autobiográficos individuais. As falas das rodas de conversa foram registradas em atas pelo pesquisador e analisadas como material complementar, oferecendo dados ricos em afetividade e elementos biográficos que, por vezes, não emergiam na escrita.

A construção de um ambiente acolhedor foi facilitada pelo vínculo afetivo entre os participantes e os facilitadores, todos identificados como LGBTQIAP+. A escuta sensível, o reconhecimento mútuo e a garantia de anonimato foram fundamentais para a criação de um espaço seguro de partilha. Para preservar a confidencialidade, todos os nomes reais foram substituídos por nomes fictícios cuidadosamente escolhidos, respeitando sua dimensão simbólica nas trajetórias trans e mantendo a coerência com os sentidos expressos nos textos.

Ao final do processo, os textos foram transcritos e organizados por autoria e ordem cronológica, permitindo uma leitura mais fluida e interpretativa do material. Também por motivos de legibilidade, em algumas partes dos textos foram adicionadas pontuações ou palavras entre colchetes, buscando manter ao máximo as características originais da escrita dos participantes. Não foram feitas correções ortográficas. A

análise privilegiou uma abordagem atenta à materialidade da linguagem, às imagens e metáforas mobilizadas, aos silêncios e afetos presentes nas narrativas. Por fim, optou-se por compreender os textos como manifestações do espaço autobiográfico contemporâneo (Arfuch, 2010), reconhecendo a hibridez das formas e o potencial da escrita como gesto de escuta, elaboração e reinvenção de si.

4. Análise dos textos

As seções a seguir se organizam em torno de três textos produzidos durante as oficinas de escrita criativa realizadas no contexto da pesquisa. Os relatos de Nicole, Manuela e José Miranda foram selecionados por sua densidade subjetiva, pela riqueza dos temas abordados e pela singularidade da forma como os sujeitos se narram. Em comum, esses textos revelam um esforço de nomeação de experiências que, por vezes, resistem à linguagem: perdas, dores, reinvenções, rupturas e afetos. São fragmentos de si que, mesmo marcados por vozes frágeis ou hesitantes, reivindicam existência. Não se pretende aqui esgotar os sentidos de cada escrita, mas oferecer uma leitura possível, situada na confluência entre teoria literária, estudos de gênero e escuta clínica.

4.1. Emoções e sofrimento psíquico: análise da produção de Nicole

Roda de conversa: relato de Nicole, mulher trans, branca, 47 anos

Nicole é uma mulher de fala intensa, cujas palavras carregam mais do que aquilo que sua escrita consegue conter. Em seu relato, emergem com força as marcas de perdas recentes e violências antigas. Sua mãe morreu há três anos. Fala com ternura da última viagem que fizeram juntas, quando realizou o maior desejo da mãe: visitar sua cidade natal. Lembra-se de tê-la levado ao salão de beleza, de ter preparado tudo com carinho para que viajasse “bem bonita”. Esse momento, segundo ela, foi um dos mais felizes de sua vida.

A dor da perda convive com outra emoção latente: a raiva. Quando sente esse afeto, Nicole diz que “começa a tremer tudo por dentro”, como se estivesse prestes a explodir ou morrer. A raiva nela é física, visceral. Tem impulsos de quebrar coisas, especialmente em conflitos

conjugais. Atira objetos, estilhaça louças. Carrega, inclusive, um facão debaixo do banco do carro, para defesa própria — símbolo de alerta e sobrevivência em um mundo que historicamente a feriu.

Essa raiva é parte de uma herança familiar marcada por masculinidades violentas. Nicole conta que seu pai — ex-lutador e professor de jiu-jitsu — era extremamente agressivo. Bateu tantas vezes em sua mãe que ela desmaiava; a mulher precisava se esconder, enquanto ele a caçava dentro de casa com um facão em mãos, arrombando portas. As filhas imploravam para que ele parasse, com medo de perder a mãe. A violência doméstica atravessou gerações. A avó de Nicole perdeu a audição aos quarenta anos após levar uma pancada brutal do marido, que rompeu seu tímpano. Um dos tios era tão violento que provocou dois abortos em sua esposa, sob o pretexto de quedas acidentais.

Nicole carrega o mesmo nome de batismo do pai e reconhece, com franqueza inquietante, que perpetua traços desse comportamento agressivo. Foi criada como “o filho caçula”, o herdeiro simbólico de uma linhagem masculina marcada pela brutalidade. Sua existência é atravessada por essa contradição: ao mesmo tempo que se afirma como mulher, brava e independente, também lida com os resquícios dessa masculinidade tóxica que lhe foi imposta como destino.

Sua história, marcada por amor e dor, perdas e resistências, revela uma subjetividade em tensão, onde a afirmação de gênero convive com o luto, o legado familiar e a difícil tarefa de não reproduzir a violência vivida. Na fala de Nicole, o corpo e a memória se entrelaçam como testemunhos vivos de uma trajetória que desafia os limites entre vítima e sobrevivente, entre herança e reinvenção.

Texto e análise

08/06/24

Alegria [era] estar junto da minha mãe, nas viagens, no dia-a-dia.

Tristeza, uma dor. Um sentimento que nunca passa, chegando a causar dores.

[Sinto medo] quando fico assustada. Um disparo no coração.

[Quando tenho] Raiva [sinto] uma dor no peito, uma tremedeira. Eu tenho o hábito de quebrar as coisas para aliviar.

Surpresa, quando boa, nos causa uma satisfação, sentimento de alívio. Em alguns momentos, de ser importante para alguém.

Nojo de gente suja. Sentir-se desprezada, pra mim, é uma das piores [emoções], pois comigo se acontece, me sinto um lixo.

O texto de Nicole se destaca pela estrutura direta e pela exploração das emoções básicas como eixo de sua escrita autobiográfica. Com base no modelo de emoções primárias — alegria, tristeza, medo, raiva, surpresa, nojo e desprezo —, ela constrói um relato que revela o modo como os afetos atravessam sua experiência trans, especialmente em relação à violência familiar, à perda materna e à vergonha internalizada.

A tristeza, por exemplo, é associada à morte da mãe, mas também à constância de uma dor física e existencial:

“Tristeza, uma dor. Um sentimento que nunca passa, chegando a causar dores.” — Nicole, oficina 4

A linguagem aqui performa um corpo que sofre não apenas no plano simbólico, mas também físico. Como aponta o modelo de escrita expressiva,

emoções geradas por conflitos ou traumas não resolvidos, se não forem expressas, permanecem presas no corpo, resultando em problemas de saúde. Quando essas emoções são liberadas, sua intensidade diminui, os sintomas associados podem ser aliviados ou eliminados, e os impactos negativos na saúde podem ser controlados ou neutralizados (Pennebaker, 2011, 2012 apud Benetti; Oliveira, 2016, p. 70).

No caso de Nicole, a escrita é uma tentativa de nomear essa dor — de dar-lhe contorno e gesto.

Ao descrever a raiva, Nicole a associa à violência doméstica e à repetição intergeracional de masculinidades agressivas:

“Raiva... uma dor no peito, tremedeira... Eu tenho hábito de quebrar as coisas para aliviar.” — Nicole, oficina 4

O fragmento articula memória, corpo e gesto destrutivo como um circuito de expressão do trauma. O “quebrar as coisas para aliviar” pode ser compreendido como uma tentativa de interromper a cadeia da violência internalizada — um gesto que a escrita, agora, reinscreve em forma simbólica.

Outras emoções como o desprezo e o nojo são voltadas para si mesma, em um movimento de internalização da rejeição social:

“Sentir-se desprezada, pra mim, é uma das piores [emoções]... me sinto um lixo.” — Nicole, oficina 4

A expressão “me sinto um lixo” evidencia de forma contundente o efeito corrosivo do desprezo na constituição subjetiva. Trata-se de uma imagem que vai além da dor momentânea: ela comunica a sensação de descarte, de desvalor absoluto, como se a pessoa deixasse de ter legitimidade para existir. Nesse enunciado, o desprezo não aparece apenas como emoção passageira, mas como uma força que compromete profundamente a autoestima e a percepção de dignidade. A contundência desse sentimento, orientado ao próprio eu, aponta para o modo como a transfobia, vivida desde a infância, é incorporada pela subjetividade.

Embora o texto não siga uma estrutura narrativa tradicional, sua forma fragmentária condiz com o que Roland Barthes (1979) reconhece como própria da escrita íntima: breves explosões de linguagem que apontam para uma ausência de totalidade. Nicole não conta uma história: ela convoca afetos. Sua escrita é um campo de forças em que os sentimentos operam como marcas — e não como explicações. Como observa Arfuch (2010), o valor biográfico ultrapassa a documentação factual e ganha potência como significação cultural e social da história de vida. Ao transpor sua dor para a linguagem, Nicole não apenas recorda o vivido: ela transforma a experiência em matéria de enunciação.

Assim, o texto de Nicole pode ser lido como uma prática de si em estado bruto. É uma tentativa de dizer o que se sente quando o mundo e o próprio corpo parecem ser territórios hostis. Escrever torna-se, aqui, mais do que expressão: uma maneira de seguir existindo, apesar de tudo.

4.2. Acolhimento, afirmação e coletividade: análise da produção de Manuela

Roda de conversa: relato de Manuela, mulher trans, preta, 33 anos

Manuela é uma mulher trans afetuosa, mas reservada. Muitas vezes falou menos do que escreveu. Contou que, antes dos 16 anos, era Manuel e somente adaptou seu nome designado ao nascer para o gênero feminino. Para ela, era quase a mesma coisa: “Manuel... Manuela... tanto faz”. Compartilhou oralmente que já se casou quatro vezes, sempre com homens usuários de drogas e violentos, o que contribuiu para seu atual distanciamento afetivo: declarou com firmeza não querer mais saber de homens para se relacionar. Seu histórico familiar também traz camadas de sofrimento que não aparecem nos textos que produziu. Relatou que sua mãe, vítima recorrente de agressões físicas por parte do pai criminoso, chegou a ser internada em um hospital psiquiátrico. Apesar de não elaborar narrativas longas ou introspectivas por escrito, Manuela mostrou-se sensível e atenta durante as atividades em grupo, sendo a única a decorar com flores a escultura de um coração — gesto que, embora silencioso, revelou sua necessidade de expressar afeto. Com postura reservada, mas engajada, compartilhou em roda de conversa que está aprendendo a se valorizar e que reconhece em si traços de impulsividade, o que demonstra um início de consciência sobre seus próprios padrões emocionais. Sua trajetória, ainda que muitas vezes dita em poucas palavras, é atravessada por experiências de violência doméstica e busca por reconstrução pessoal, revelando uma subjetividade em processo de cura, muitas vezes mais evidente nas entrelinhas de seus silêncios do que nas palavras que escolhe dizer.

Texto e análise

Meu nome é Manuela. Porque meu nome de registro é Manuel e meu nome veio através do meu bisavô. Então eu facilitei: coloquei só algumas letras. É meu nome, acho bonito.

Quando criança eu já saía com meus primos, tio, até conhecer as travestis mais velhas. Fiz amizades, era tudo meio misturado, gay, travesti. Com 15 anos comecei a me prostituir, matava aula pra ir pra zona. Minha mãe viu meu boletim, tudo vermelho. Mas em casa começou a faltar coisas, eu tive que me virar. Como gay eu vivia apanhando na escola, mas depois que eu fiz a transição começaram a me respeitar. Fui pra casa de uma cafetina, a Jacqueline, que foi uma mãe pra mim. Minha mãe não queria aceitar o dinheiro da prostituição. Ela não sabia no começo. Depois ela aceitou, comprava calcinha pra mim, me chamava pelo nome Manoela.

O conselho que dou pra uma pessoa trans é não usar droga.

Manuela, antes dos 16 anos, era Manuel e somente adaptou seu nome designado ao nascer para o gênero feminino. Como Butler argumenta, o gênero se manifesta através de ações e escolhas, sendo continuamente construído e afirmado. A escolha do nome é um marco de transição e afirmação identitária para Manuela no momento que adapta o nome masculino de nascimento para uma forma feminina que a representa. Esse ato de nomeação é performativo, pois expressa e reafirma a identidade de gênero. A simplicidade com que Manuela descreve a mudança de nome também indica a naturalização desse processo para ela, como se o “Manuel” de antes e a “Manuela” de agora fossem quase uma só ou uma continuidade performativa de si mesma.

O relato de Manuela sobre a adoção de um novo nome parece indicar que essa transição não se deu como uma ruptura, mas como uma continuidade fluida de si mesma. Segundo Butler, o gênero é performativo: não uma essência fixa, mas algo que se constitui por meio de atos repetidos e escolhas cotidianas. Nesse sentido, a escolha do nome atua como um desses atos performativos, que não apenas expressam, mas constro-

em e consolidam a identidade de gênero. A maneira espontânea com que Manuela fala sobre essa mudança revela que, para ela, o processo de se tornar Manuela já estava em curso antes mesmo da nomeação formal — como se o nome apenas viesse confirmar algo que já era vivido.

Na sequência, a narrativa se destaca por articular, em tom direto e memorialístico, o percurso de uma mulher trans que atravessa rejeições familiares, prostituição, acolhimento e conquista de respeito social. Sua escrita apresenta uma trajetória de resistência marcada por afetos contraditórios, onde figuras maternas reais e simbólicas desempenham papel central na construção da subjetividade. Um dos trechos mais emblemáticos revela o conflito com a mãe biológica e o processo de aceitação mediado pelo dinheiro da prostituição:

“Minha mãe não queria aceitar o dinheiro da prostituição... depois ela aceitou, comprava calcinha pra mim.” — Manuela, oficina 3

Essa passagem sintetiza a ambivalência afetiva e material que marca a relação familiar: ao mesmo tempo que rejeita o caminho trilhado pela filha, a mãe se reaproxima mediante os laços de cuidado e dependência econômica. A calcinha comprada, símbolo da feminilidade legitimada, é ao mesmo tempo presente e concessão — gesto mínimo que reconfigura o vínculo materno sob os termos da vivência trans.

A ausência de acolhimento familiar é contraposta pela figura da cafetina Jaqueline, apresentada por Manuela como uma mãe:

“Fui pra casa de uma cafetina, a Jaqueline, que foi uma mãe pra mim.” — Manuela, oficina 3

Nesse enunciado, a linguagem é seca, direta e definitiva. Ao rebatizar a cafetina como mãe, Manuela rompe com os critérios convencionais de filiação e investe em uma ética do cuidado construída nas margens. Essa substituição afetiva está ligada não apenas à sobrevivência material, mas à possibilidade de ser reconhecida como mulher. A figura de Jaqueline representa, nesse sentido, uma maternidade travesti — uma reconfiguração dos laços simbólicos em territórios de exclusão.

A escrita de Manuela se organiza como um testemunho que resgata momentos de transição e ressignificação de sua identidade de gênero.

Ela relata a vivência da homossexualidade na infância e juventude com sofrimento, e a transição como um momento de obtenção de respeito:

“Como gay eu vivia apanhando... depois que eu fiz a transição começaram a me respeitar.” — Manuela, oficina 3

Aqui, o texto denuncia a violência sofrida na infância e juventude — a experiência da homofobia — e revela que a transição não foi apenas subjetiva, mas também *estratégica*. A mudança de identidade permitiu a inscrição em outro lugar social, mais protegido, mais inteligível. Butler (2003) propõe que a performatividade de gênero é uma prática reiterada que pode tensionar as normas e produzir novas possibilidades de existência. No caso de Manuela, a transição passa a funcionar como ato performativo de resistência, que redefine os termos de sua presença no mundo.

O trecho final do relato reforça a dimensão ética de sua trajetória, quando ela oferece um conselho às mais jovens:

“Conselho que dou pra uma pessoa trans é não usar droga.”
— Manuela, oficina 3

Esse gesto desloca sua narrativa de um plano apenas individual para um campo comunitário. Ao se posicionar como uma voz que adverte, Manuela assume um lugar de autoridade e cuidado — ecoando o papel de Jaqueline em sua vida. É nesse gesto que a escrita autobiográfica alcança um valor biográfico ampliado, tal como descrito por Arfuch (2010): ao narrar a si, o sujeito também narra o coletivo, inscrevendo-se em uma história partilhada.

O texto de Manuela se aproxima de uma estrutura de memória oral, onde a linearidade é menos importante do que os pontos de virada. O estilo direto, com frases curtas e grande densidade de conteúdo, revela um sujeito que escreve não apenas para lembrar, mas para marcar o que viveu e, mais ainda, para deixar algo dito, algo passado adiante.

4.3. Corpo marcado, destransição e reinvenção: análise da produção de José Miranda

Roda de conversa: relato de José Miranda, pessoa que destransicionou, pardo, 46 anos

Miranda carrega em seu corpo e em suas palavras os vestígios de uma trajetória marcada por rupturas, transformações e desconfortos identitários. Apesar de ser mais falante do que escritor, suas falas foram densas, atravessadas por contradições e afetos. Optou por ser tratado pelo sobrenome — “Miranda” — que lhe permite circular entre o masculino e o feminino, mas insiste em referir-se a si mesmo como José, em masculino, recusando pronomes ou tratamentos femininos. Ainda assim, percebe-se envolto por uma ambiguidade social e simbólica: dentro da instituição que acolhe pessoas trans, é chamado alternadamente de “o Miranda” e “a Miranda”, sem jamais se sentir completamente incluído em nenhuma dessas designações.

Hoje, identifica-se como um homem gay celibatário, mas já foi travesti. Carrega, no corpo, cicatrizes da hormonização caseira e da rejeição a próteses — marcas de uma transição vivida de forma solitária, vulnerável e dolorosa. Quando convidado a escrever sobre sua história, Miranda teve dificuldades em acessar lembranças felizes, e sua escrita transbordou uma visão negativa de si e da vida. Ainda assim, revelou um lampejo de alegria ao lembrar de quando, na infância, nadava no rio com outras crianças — uma lembrança isolada em meio a uma narrativa dominada por tristeza e exclusão.

Desde pequeno expressava traços de feminilidade, e isso gerou muito sofrimento: zombarias dos irmãos, repressões familiares e, na adolescência, a descoberta da homossexualidade foi vivida como um fardo. Lamentou essa descoberta como algo trágico, não como libertação. Relembrou os conflitos constantes com a vizinhança, os apelidos ofensivos, as brigas nas ruas, os insultos mais duros — como “saco de Aids” — que o marcaram profundamente. Desenvolveu pensamentos autodepreciativos e passou a “judiar-se”, sem detalhar se isso envolvia autolesões físicas.

Aos 21 anos, saiu de casa e trabalhou numa fábrica, onde teve um envolvimento afetivo com o encarregado. Com o dinheiro que juntou, re-

alizou o sonho de tornar-se travesti: colocou cabelo, silicone nas pernas e seios. Ao relatar isso, revelou um certo orgulho, uma empolgação contida. Viveu da prostituição por dez anos, mergulhado também na dependência química. A automedicação e os procedimentos corporais improvisados acabaram por deformar seu corpo, especialmente as pernas, onde hoje carrega feridas abertas.

Aos 37 anos, cansado da prostituição e do sofrimento, aproximou-se de uma igreja evangélica. Foi lá que passou a questionar sua identidade de gênero e decidiu reverter a transição. Segundo ele, “Deus o ama, mas não ama a prática”. Essa religiosidade parece ter oferecido uma nova narrativa possível para sua dor, mas também reforça uma ideia de negação de si mesmo.

Miranda não se reconhece como pessoa trans, embora tenha vivido experiências que o colocam socialmente nesse lugar. Seu relato revela uma sensação persistente de inadequação: não sente que pertence nem ao universo trans, nem ao mundo gay, nem ao masculino hegemônico. Uma existência que desafia classificações fixas.

Texto e análise

Infância. Meu terceiro não tem [o que] explicar. Tive uma infância triste, mas me lembro quando eu nadava no rio.

Adolescente. Foi momentos muito difícil porque não sabia o que eu queria, mas infelizmente descobri minha homossexualidade que foi dolorosa, muitas brigas na rua, já existia preconceito, aí comecei a judiar de mim [sentindo coisas] tais [como] autopiedade, preconceito comigo, sentir pena de mim mesmo.

Quando adulto comecei na fase de hormônios. Queria me vestir de mulher naquela época. Sofri, fui mandado embora de casa. Aí quando dei em mim comecei a judiar de mim mesmo. Coloquei silicone, substância química, prostituição, mas enfim, eu consigo ver como experiência dolorosa e sou grato a Deus porque sobrevivi.

dia 6

Nesse momento estou lutando nesse local para buscar minha paz porque ela é muito preciosa. Peço ajuda pro meu Poder Superior forças pra mim conseguir. Meu amor próprio está como espelho embaçado. Minha [alma] está bem abatida. Procuro buscar a verdade dentro de mim [para os] dias não se tornarem ruins. Como não violência, venci fazer bem com o mal.

O relato de José Miranda oferece um contraponto valioso no conjunto de textos autobiográficos analisados. Ao narrar sua trajetória de transição, ele revela não apenas a complexidade das experiências trans, mas também o modo como o corpo se inscreve como território de memória, espiritualidade, vergonha e reconstrução. Sua escrita, marcada por contradições e introspecção, traz à tona camadas de sofrimento e de busca por sentido que transcendem os binarismos entre transição e identidade de gênero.

José inicia seu texto com um autorretrato simbólico:

“Meu amor próprio está como espelho embaçado.” — José Miranda, oficina 1

Essa imagem sintetiza a experiência de opacidade subjetiva. O “espelho embaçado” sugere um eu que se vê distorcido, não inteiramente acessível, mas ainda presente. A metáfora revela a luta por reconciliação com a própria imagem — uma imagem marcada por cicatrizes físicas e emocionais.

No trecho a seguir, ele descreve sua experiência de transição como travesti e os impactos que sofreu:

“Tornei-me travesti, me prostituí, usei silicone... fui mandado embora de casa.” — José Miranda, oficina 1

A sequência de verbos na primeira pessoa (“tornei-me”, “me prostituí”, “usei”, “fui”) cria um ritmo quase mecânico, como se os acontecimentos se impusessem ao sujeito sem mediação. Aqui, o corpo aparece como um lugar de transformação e violência — ao mesmo tempo agente

e vítima. A presença do silicone, da prostituição e da expulsão de casa compõe uma trajetória de exclusão que ecoa outras narrativas trans, mas que em José culmina em uma ruptura.

A frase “Como não violência, venci fazer bem com o mal” pode ser lida como uma inversão de valores morais tradicionais, refletindo uma possível confusão entre princípios internalizados e experiências vividas. Embora evoque a estrutura da máxima bíblica “vencer o mal com o bem” (Romanos 12:21), a inversão operada por José sugere não apenas um desvio linguístico, mas uma subversão inconsciente do discurso cristão. A passagem aponta para o conflito entre a identidade dissidente e a doutrinação religiosa, evidenciando um deslocamento simbólico que desafia a lógica binária do bem e do mal. Mais do que erro, essa transposição revela um gesto de resistência: um modo de afirmar sua subjetividade mesmo quando envolta em contradição.

Ao incluir o relato de José Miranda, este artigo afirma a complexidade das existências trans e dissidentes de gênero. A escrita de si, nesse contexto, não funciona como fixação de uma identidade, mas como espaço de experimentação, de crise e de abertura. A vida narrada por José rompe com a lógica da transição linear e reafirma a força da autobiografia como forma radical de existir em meio à instabilidade.

5. Considerações finais

Este artigo refletiu sobre a escrita autobiográfica de pessoas trans em contexto terapêutico e literário, a partir de textos produzidos em oficinas de escrita criativa mediadas por um psicólogo em uma instituição de acolhimento. Evitando classificações fixas, as produções foram compreendidas como formas de autobiografia em sentido ampliado, conforme propõe Arfuch (2010), ou seja, como espaços discursivos onde subjetividades se elaboram, se rompem e se reinscrevem. As análises de Nicole, Manuela e José Miranda revelaram experiências marcadas por exclusão, dor, acolhimento e contradição, nas quais a escrita atuou como prática de subjetivação, reorganização afetiva e gesto de existência.

Mais do que representação, a escrita emerge como ação simbólica e performatividade textual — especialmente para sujeitos cuja existência tem sido historicamente apagada. Ainda que inseridos em um ambien-

te terapêutico, os textos analisados não são lidos aqui como instrumentos clínicos, mas como afirmações estéticas e políticas. Reunindo vozes plurais, a pesquisa destaca a potência da autobiografia como campo de luta, invenção e escuta. As análises permitem concluir que, para além do conteúdo, a forma dos textos também espelha e refrata as identidades de seus autores. O uso de fragmentos, a escolha de metáforas, o recorte de episódios e o modo como o tempo é narrado revelam operações de subjetivação que traduzem vivências de exclusão, resistência e reinvenção. A estética, nesse sentido, não é um adorno, mas parte constitutiva da identidade narrada. Portanto, a escrita autobiográfica de pessoas trans deve ser compreendida como ato estético-político, onde forma e conteúdo se entrelaçam na produção de uma vida narrável. Reconhecer essas escritas é também reconhecer sua urgência não apenas como objeto de estudo, mas como gesto ético que nos convoca a ler, acolher e ser afetado. ■

Referências bibliográficas

- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BARTHES, Roland. Deliberação (1979). In: BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- BENETTI, Idonezia Collodel; OLIVEIRA, Walter Ferreira. O poder terapêutico da escrita: quando o silêncio fala alto. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental*, Florianópolis, v. 8, n. 19, p. 67-77, 2016.
- BUTLER, J. Corpos que ainda importam. Tradução de Viviane V. In: COLLING, Leandro (org.). *Dissidências sexuais e de gênero*. Salvador: EDUFBA, 2016. 240 p.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CHAVES, Leocádia Aparecida. Autobiografias trans: um levante em formação. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 64, e. 644, 2021a.

- CHAVES, Leocádia Aparecida. Estrelas nascem para brilhar: a expansão das fronteiras do narrar-se trans, sob os auspícios da democracia brasileira (1998-2008). *Rev. Bra. Lit. Comp.*, Porto Alegre, v. 23, n. 44, p. 24-43, set.-dez., 2021b.
- COSTA, A. C.; ABREU, M. V. Expressive and creative writing in the therapeutic context: from the different concepts to the development of writing therapy programs. *Psychologia*, v. 61, p. 69-86, 2018.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. 2ª ed. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.
- PRECIADO, P. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. Tradução de Marie-Hélène Bourcier. São Paulo: n-1, 2014.
- PRECIADO, P. *Testo yonqui*. Madri: Espanha, 2008.

Alexandre de La Palma Leite Poddis é formado em Letras pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), professor de música e terapeuta cognitivo sexual. Pesquisa escrita criativa no campo da Teoria Literária e no contexto terapêutico, com ênfase em autobiografias e narrativas de autoria trans. É criador do projeto “Caminhos Escritos: Diários de Autodescoberta”, no qual coordenou voluntariamente um ateliê de escrita criativa com pessoas trans em situação de vulnerabilidade social.